

RESENHA CRÍTICA DA OBRA “LAMENTÁVEL MUNDO NOVO: O FIM DA GLOBALIZAÇÃO E O REGRESSO DA HISTÓRIA”, DE STEPHEN D. KING

Aline Michele Pedron Leves¹
Sabrina Lehn Stoll²

“Somos todos, de uma forma ou outra, escravos das nossas versões da História. Para aqueles de nós que vivem no Ocidente, verificamos que era tudo demasiado simples para afirmarmos que a nossa sorte continuará e que, com o tempo, inevitavelmente se expandirá para muito longe. Chegou o momento de acordarmos para a realidade.”

Stephen D. King

A *globalização* é um termo onipresente na conjuntura social do Segundo pós-Guerra (1945). Geralmente compreendido como a integração dos sistemas econômicos ao redor do mundo por meio dos mais variados fluxos de comércio, capital, dados e pessoas que perpassam entre as fronteiras, foi devido aos processos da globalização que a soberania dos Estados nacionais, antes absoluta, passou a ser relativizada e, por conseguinte, o mundo tornou-se multicêntrico e interdependente. No entanto, como praticamente todos os fenômenos históricos que possuem os seus momentos de apogeu e declínio, as muitas

¹ Doutora, com Pós-Doutorado em Direito PEPEEC PDPG/CAPES, e Mestra pelo Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Direito – Mestrado e Doutorado em Direitos Humanos – da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ). Professora efetiva do Curso de Direito da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), Campus São Borja/RS. Advogada (OAB/RS) junto ao Núcleo de Práticas Jurídicas (NPJ) da UNIPAMPA-SB. Líder do Grupo de Estudos, Pesquisa e Extensão Fronteiras do Direito - GFronte (CNPq/UNIPAMPA-SB). Pesquisadora Docente do Grupo de Pesquisa Direitos Humanos, Governança e Democracia - Mundus (CNPq/PPGD UNIJUÍ). Coordenadora do Projeto emCINE Direito - UNIPAMPA-SB. Colaboradora Honorária da Organização Não Governamental da Sociedade Civil Ruptura (ONG). E-mail: alineleves@unipampa.edu.br.

² Doutora pelo Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Direito – Mestrado e Doutorado em Direitos Humanos – da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ), com período sanduíche em Università del Salento (Itália). Mestra pelo Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Direito – Mestrado em Direito Público – da Fundação Universidade Regional de Blumenau (FURB). Professora efetiva do Curso de Gestão Pública da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), Campus Santana do Livramento/RS. Coordenadora de Advocacy da Organização Não Governamental da Sociedade Civil Ruptura (ONG). Advogada (OAB/SC). Pesquisadora do Grupo de Estudos, Pesquisa e Extensão Fronteiras do Direito - GFronte (CNPq/UNIPAMPA-SB). Pesquisadora CEDEUAM – UNISALENTO (Itália). E-mail: sabrinastoll@unipampa.edu.br.

facetas da globalização passam, agora, conforme o economista britânico Stephen D. King³ (2018), a serem questionadas e, inclusive, rejeitadas. Isso significa que o – admirável ou lamentável – mundo novo é, de fato, bastante incerto e desafiador para as civilizações humanas. À vista disso, King (2018) enquadra a globalização como um fenômeno periódico com patrocinadores distintos em cada momento da história. Essa periodicidade da globalização significa, justamente, que os seus proponentes não devem presumir que o aumento da integração entre os Estados é algo inevitável e irreversível. Pelo contrário, atualmente alguns países estão rejeitando acordos comerciais firmados anteriormente e adotando políticas protecionistas, apesar do consenso econômico sobre o livre comércio. Um dos maiores enigmas da tecitura social, e até agora sem resposta definida, é se os políticos das democracias liberais que promoveram, apoiaram e mantiveram os processos da globalização realmente acreditaram que esta beneficiaria grande parte dos cidadãos. Por certo, muitos deles imaginaram que os itens de consumo baratos aliados às promessas, muitas vezes ilusórias, de maiores oportunidades de empregos e de crescimento dos mercados de exportação compensaria a consequente fragmentação do trabalho, das comunidades e da coesão social.

As crises e os desafios impostos ao sistema econômico acabaram por acarretar uma erosão constante no século XXI, especialmente nos últimos anos. Isso significa afirmar que a busca implacável da globalização por preços cada vez mais baixos e negócios mais lucrativos levou sementes dormentes da sociedade a florescer, produzindo os frutos amargos do nacionalismo, da segregação, da desigualdade, da xenofobia, da intolerância e das tecnologias disruptivas. Desse modo, de acordo com Stephen D. King (2018), durante seu curto período, a globalização pode ter se transformado de uma oportunidade em um risco para muitos dos Estados mundiais. A premissa distópica oferece ao autor a oportunidade de demonstrar sua erudição, bem como a sua capacidade de recorrer a diversas fontes para corroborar à possibilidade de que a globalização praticamente atingiu seu curso na história.

A partir disso, King escreveu um conjunto de contribuições necessárias aos debates atuais, com vistas a traçar os panoramas do futuro da globalização. Prestando uma clara

³ Conselheiro econômico sênior do banco HSBC. King também trabalha como consultor e jornalista colunista da Evening Standard, além de ser conselheiro especialista da Comissão do Tesouro do Parlamento britânico.

homenagem a Aldous Huxley, autor do romance *“Admirável Mundo Novo”*, a obra *“Lamentável Mundo Novo: o fim da globalização e o regresso da história”*, de Stephen D. King, consiste em um acréscimo de não ficção matizada à literatura de descontentamento, a qual está dividida em quatro seções. Como sugere o subtítulo do livro, King argumenta que o colapso da globalização pode ser iminente e impossível de se evitar. Logo, antes de ser considerada inevitável, a integração econômica global se baseia em ideais que exigem amplo apoio. Em seis assertivas principais, que revelam fraquezas fundamentais, o autor argumenta justamente que não se pode ter “uma fé cega na globalização” (King, 2018, p. 277) – a qual se estende “além das forças de mercado” (2018, p. 16) –, pois esta não é um componente inevitável do século XXI. Pelo contrário, inúmeros desafios ameaçarão continuamente a realização de seus benefícios e contribuirão para aguçar as fragilidades e crises existentes.

Nas palavras de Stephen D. King (2018, p. 11), se for observado pelo prisma do progresso tecnológico, “é fácil acreditar que a globalização é inevitável; que as distâncias se tornam mais curtas, que as fronteiras nacionais estão a dissolver-se lentamente e que, quer gostemos ou não, vivemos num mercado único de bens, serviços, capitais e pessoas”. Contudo, no decorrer da obra, o autor propõe e interliga as seis afirmações fundamentais que comprovam que a globalização não é, simplesmente, inevitável, quais sejam: 1. O progresso econômico, para além das fronteiras estatais, não é uma verdade absoluta impossível de se escapar, ou seja, a globalização pode ser revertida; 2. A tecnologia pode, simultaneamente, tanto favorecer quanto prejudicar a globalização; 3. O desenvolvimento econômico é capaz de reduzir a desigualdade entre os Estados nacionais, mas, no âmbito interno dos países, acarreta uma tensão social frente à busca por melhores padrões de vida e estabilidade econômica, elevando, assim, os níveis de desigualdade; 4. A estabilidade interna das nações pode ser minada pelos acentuados fluxos migratórios da atualidade; 5. As instituições internacionais que contribuíram significativamente com os avanços da globalização governamental estão perdendo, paulatinamente, a sua credibilidade. Isso porque, considera-se cada vez mais que a globalização favorece apenas uma parcela minoritária – e rica – da população mundial; 6. Há mais de uma versão da globalização, a qual está à disposição de todos os países. Isso pode ser comprovado pelo declínio relativo do

poder econômico dos Estados Unidos da América (EUA) e a consequente ascensão de outras superpotências emergentes – em especial a China – que procuram reformular o mundo.

Na primeira parte do livro, intitulada de “*Paraíso Perdido*”, King (2018) analisa a história da globalização e oferece um combo de seis versões distintas: a ocidental, a chinesa, a otomana, a russa, a persa e a africana. A valer, suas descrições fornecem um contexto para muitos dos desafios globais do mundo contemporâneo, tais como as perspectivas acerca das leis de comércio, as responsabilidades ambientais, o uso das tecnologias, dentre outros. Além disso, pode-se afirmar que o autor não glorifica a resistência da globalização; porém, ele fornece uma discussão ampla que aborda os seus impactos, bem como os efeitos negativos e positivos oriundos desse fenômeno. Por isso, King elenca os principais perigos e armadilhas da globalização – particularmente suas consequências inconsistentes nas mais distintas regiões, culturas e economias – ao mesmo tempo em que destaca a grande relevância das instituições globais, do comércio e das migrações⁴. De acordo com King (2018, p. 12), a globalização é movida não apenas “pelo progresso tecnológico, mas também pelo nascimento e pelo desenvolvimento – e pela morte – das ideias e das instituições que dão forma às nossas políticas, enquadram as nossas economias e moldam os nossos sistemas financeiros locais e globais”. Nesse ínterim, “quando as ideias existentes são minadas e as infraestruturas institucionais implodem, não há nenhum tipo de tecnologia nova que salve a situação. As nossas ideias e instituições alteram-se com uma regularidade alarmante.” (King, 2018, p. 12).

Diante disso, o autor acredita que a atual ordem econômica internacional corre realmente o risco de atingir o mesmo fim que a última era irrestrita da globalização, a qual se iniciou em 1850 e prosperou no fim do século XIX até a eclosão da Primeira Guerra Mundial, em 1914. Assim como hoje, diversos observadores daquela época acreditavam que as economias abertas eram normais e certas. Mas, esse sistema globalizado tinha como premissa inerente as práticas injustas do colonialismo que, juntamente com a Primeira Guerra Mundial, provaram ser a sua queda e varreram o progresso econômico da época. Com o término do primeiro conflito bélico de âmbito mundial, os esforços para restaurar a

⁴ Se hoje as migrações são vistas como um dos problemas que podem minar a globalização em virtude das consequentes instabilidades estatais, durante o século XIX, “o maior motor da globalização não foi o comércio nem os fluxos de capitais. Foram as pessoas.” (KING, 2018, p. 183).

ordem da economia e os progressos da globalização na década de 1920 fracassaram. Isso se deu porque, à medida que novos poderes surgiam e a Grande Depressão fazia com que as principais potências do mundo adotassem práticas protecionistas e voltadas para si mesmas, se acentuavam as políticas rivais focadas em empobrecer os países vizinhos, o que acarretou efeitos devastadores com a subsequente deflagração da Segunda Guerra Mundial (1939-1945).

Comparando àquele momento histórico com a atualidade, King (2018) teme que as ameaças à globalização possam ocasionar outro período prolongado de desintegração econômica, conflitos sociais e turbulências. Este temor do autor se deve, essencialmente, ao aumento da desigualdade, à migração em massa e às políticas monetárias e econômicas competitivas entre as superpotências globais. De fato, alguns eventos atuais como o relativo declínio de poder dos Estados Unidos da América (EUA)⁵, o *Brexit* – processo de saída do Reino Unido da União Europeia (UE) que reduziu a política britânica a um estado de desordem – e as tensões na zona do euro consistem em exemplos de fortes argumentos contra o otimismo aberto e, por muito tempo, considerado inevitável da globalização. Aliado a isso, Stephen D. King tem um posicionamento pessimista acerca da integração em andamento dos Estados nacionais, em razão, sobretudo, dos movimentos neonacionalistas que emergiram como resultado da estagnação econômica dos indivíduos de classe média em países de alta renda. Ainda que a globalização tenha trazido ganhos para milhões de pessoas de baixa e média renda, muitos cidadãos em países desenvolvidos culpam este fenômeno, seus processos e o livre comércio pelos problemas econômicos que vêm enfrentando.

Na segunda parte do livro, titulada de “*Estados, Elites e Comunidades*”, King (2018) examina esse neonacionalismo dos Estados e recuo da economia global. É evidente que as tensões aumentaram à medida em que diminuiu a participação dos países de alta renda no Produto Interno Bruto (PIB) internacional e, conseqüentemente, se intensificou a desigualdade interna desses Estados, muito embora a média global e os padrões de vida tenham melhorado significativamente. Nesse contexto, pode-se afirmar que é justamente

⁵ O presidente norte-americano Donald Trump, ao longo de seu primeiro mandato (2017-2021) e como parte da agenda America First, expressou profundas dúvidas sobre as organizações internacionais e os acordos interestatais que possibilitam a globalização, fato esse que contribuiu para a impopularidade do fenômeno nos últimos anos.

essa transição, do sucesso percebido pela globalização em determinados países para o seu fracasso nessas mesmas regiões, que impulsionou os movimentos nacionalistas e o populismo na política de nações como os EUA, o Reino Unido, a França, a Espanha e a Itália. Daí, portanto, diante da crise econômica do Ocidente, nota-se a existência de um grande vácuo de poder global esperando para ser preenchido a qualquer momento. Além disso, o autor identifica as três tendências mais perturbadoras do mundo novo do século XXI: o aumento da imigração global e dos padrões migratórios que trouxeram à tona comunidades e histórias rivais, o aprimoramento constante das tecnologias e a crescente desigualdade entre ricos e pobres, a qual foi agravada por aquilo que King (2018, p. 131) denomina de “espírito de elitismo”.

Embora essas adversidades sociais não sejam necessariamente exclusivas do novo século, Stephen D. King argumenta que cada uma delas se intensificou expressivamente e, portanto, se consideradas em conjunto, elas precisam ter uma maior atenção internacional, até porque, as transformações do poder político no mundo atual ameaçam “os alicerces da legitimidade democrática da globalização” (King, 2018, p. 131). Já na terceira parte do livro, intitulada de “*Desafios do Século XXI*”, o autor avalia, especificamente, os impasses existentes entre as pessoas e os lugares, o lado obscuro da tecnologia e a depreciação da moeda. Notadamente, o tema da migração assume destaque, isso porque, apenas no ano de 2015 mais de um milhão de imigrantes e refugiados cruzaram a fronteira para a Europa, o que provocou reações em toda a União Europeia. Países como a Hungria, a Polônia e a República Tcheca se recusam a aceitar refugiados em virtude do plano de realocação do bloco, ameaçando, então, o futuro do *Espaço Schengen*⁶ da Europa com democracias liberais.

O certo é que um dos princípios basilares da globalização reside no fluxo livre de pessoas. Contudo, apesar de os economistas permanecerem divididos acerca dos efeitos da imigração sobre os salários, ela serve como mola propulsora para nacionais-populistas e tem significativas implicações no estado de bem-estar, uma vez que os gastos sociais diminuem quando a preocupação é alta. Desse modo, as migrações que são, na maior parte das vezes,

⁶ Esse é o nome dado à área constituída por 26 países Europeus que aboliram o controle nas fronteiras internas por meio da assinatura do Tratado de Schengen – acordo internacional que regula a livre circulação de pessoas, bens, serviços e capitais entre seus Estados membros.

estimuladas pelas alterações climáticas, pela desigualdade econômica-social e pela persistência de conflitos – ou outras causas raízes –, têm sido fatores importantes no regresso de movimentos nacionalistas que promovem políticas isolacionistas de contenção. Isso significa que as várias pressões e reações impostas pelos neonacionalistas às migrações do século XXI ameaçam um dos pilares essenciais do novo mundo globalizado: a livre circulação de pessoas. À vista desse cenário, o qual King (2018) descreve em detalhes, é possível dizer que esses desafios se acentuarão nos próximos anos, na medida em que milhões de migrantes e refugiados adicionais provavelmente irão para o continente europeu.

Merece destaque, também, a extensão do declínio econômico relativo dos EUA. Ainda na década de 1960, a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) eram o seu principal competidor; já no fim do século XX, foi o Japão; atualmente, é a China. Para o autor, a redução da participação dos EUA – e inclusive das potências europeias – na economia global, combinada com a ascensão da China, da Índia e de outras importantes economias emergentes do sudeste Asiático, provocará cada vez mais conflitos no que diz respeito à futura direção da economia internacional. Aliás, essa tensão já está se materializando. Talvez, devido à crença na periodicidade da globalização, King (2018) não oferece um caminho alternativo à contenção isolacionista dos Estados. Mas, o “fim da globalização” é bastante questionável, haja vista que os países têm muito a perder com a redução dos mercados globais. Ademais, embora o autor aponte a disputa comercial entre os Estados Unidos e a China como evidência do recuo da globalização, também é possível analisar essa disputa sob o prisma de uma verdadeira mudança na ordem econômica mundial.

King apresenta, ainda, como o progresso tecnológico e a política monetária mundial, os quais têm sido motores essenciais da globalização, podem ameaçar o seu futuro. Atualmente, a automação e a robótica estão eliminando as cadeias de suprimentos globais. Com a redução nos custos da mão de obra, as empresas buscarão por cortes nas despesas de transporte, deslocando, então, a produção dos bens para o mesmo país em que estes são destinados ao consumo. Mesmo que os fluxos globais de capital, serviços e dados continuem, provavelmente, o decréscimo da codependência entre as nações pode resultar no surgimento de economias protecionistas e de políticas externas antagônicas. Além do mais, devido à ausência de uma coordenação internacional após a crise financeira de 2007-2008 – também

conhecida como Grande Recessão –, os Estados e seus bancos centrais têm recorrido, gradativamente, à política monetária para resolver um conjunto de problemas internos como o desemprego, a desigualdade e a instabilidade econômica. Nesse contexto, Stephen D. King (2018) adverte que, na medida que os países transferem o fardo do ajuste econômico uns para os outros, a tendência de um crescimento lento e a depreciação da moeda – em especial o dólar – pode evoluir para um período bastante prolongado de guerras cambiais.

Frente a esse panorama, na quarta e última parte do livro, que possui como título “*A Crise da Globalização*”, o autor pondera sobre as obrigações estatais e as soluções impossíveis para resolver os problemas que acometem a agenda política e econômica do novo mundo. Para King, o sonho do liberalismo econômico acabou se transformando em um verdadeiro pesadelo. A dissolução da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, entre os anos de 1989 e 1991, assinalou uma escalada desenfreada da arrogância Ocidental, caracterizada pela crença de que, do mesmo modo em que o liberalismo econômico se espalhava mundialmente, isso também aconteceria com a forma de sociedade democrática. Contudo, muitos daqueles que se viram prejudicados pelos processos da globalização buscaram refúgio e segurança em uma versão protecionista – e até então enfraquecida – do Estado. Diante disso, nacionalistas tanto de esquerda como de direita cederam a essa ansiedade e, por conseguinte, como já foi pontuado, os britânicos votaram o *Brexit*, Donald Trump se tornou presidente dos Estados Unidos da América, enquanto a China estabeleceu uma série de associações rivais e acordos bilaterais.

Ao mapear a ascensão e queda da globalização – combinando história, política, economia e tecnologias –, Stephen D. King (2018) oferece poucas soluções potenciais em sua obra. Esse fato talvez seja de se esperar, em virtude da magnitude das políticas e das instituições globais que unem os Estados que formam o atual sistema econômico internacional. Uma proposta sugerida pelo autor seria a criação de um procedimento formal para reconciliação, ou seja, um mecanismo para resolver conflitos com reservas financeiras nos mercados de capitais, muito parecido com o que foi imaginado por John Keynes durante as negociações em Bretton Woods (1944). Tal instituição, denominada por King (2018, p. 281) de “Organização Global para os Fluxos Financeiros (OGFF)”, seria capaz de lidar com as crises financeiras transfronteiriças e facilitaria os pagamentos à medida que o dólar americano perdesse o *status* de moeda de reserva mundial. Assim, o economista sugere que

a referida instituição funcionaria como a Organização Mundial do Comércio (OMC) e seria financiada de forma semelhante ao Fundo Monetário Internacional (FMI). Na verdade, tal proposta pode ser considerada como uma solução tecnocrática um tanto criativa para o problema da contenção, havendo, para o autor, pouco interesse dos Estados em estabelecer novas instituições globais no contexto político atual.

No longo prazo, as preocupações de Stephen D. King (2018) acerca das principais propostas para reformar a globalização ainda podem se justificar, isso porque, os nacionalistas estarão sempre preparados para retornar ao poder se a insegurança econômica dos Estados aumentar ainda mais. Este é, com efeito, um momento de grande risco global. Os desafios da globalização estão acompanhados por um crescente desencanto⁷ com as democracias liberais, ao passo em que as novas mídias sociais instituem bolhas partidárias extremamente difíceis de serem penetradas. Presencia-se, então, um sucessivo declínio na liberdade global. Após a Segunda Guerra Mundial, a abertura dos mercados foi restaurada com base na satisfação das demandas sociais por uma maior estabilidade econômica, a qual se deu através da implantação de sistemas de bem-estar. No atual mundo novo, repleto de incertezas, precisa haver uma verdadeira priorização do crescimento econômico inclusivo e sustentável, o qual deve estar intrinsecamente combinado à distribuição equitativa dos ganhos da globalização, de tal modo que o sistema, como um todo harmônico, sobreviva (King, 2018).

Para King (2018), o termo globalização tornou-se um passivo político, especialmente no Ocidente, por ser visto como responsável pela transferência de empregos para países de baixo custo e pelo aumento das desigualdades de renda e riqueza. No entanto, ele argumenta que esses problemas decorrem do fracasso das elites em implementar políticas que protejam as classes trabalhadoras e limitem a desigualdade. Embora pessimista, King escreve com autoridade sobre o desenvolvimento financeiro e oferece uma análise histórica que enriquece os debates atuais. Ele defende a necessidade de um novo arranjo econômico internacional, alertando que o isolacionismo e o protecionismo podem marcar o verdadeiro

⁷ A última década testemunhou um aumento substancial no número de cidadãos, em democracias maduras – incluindo Estados Unidos, França e Reino Unido –, que veem as formas não democráticas de governo como uma alternativa viável.

“regresso da história”. Se isso ocorrer, conclui King (2018, p. 294), “teremos realmente um Lamentável Mundo Novo”.

REFERÊNCIAS

KING, Stephen D. *Lamentável Mundo Novo: o fim da globalização e o regresso da história*. Tradução de Pedro Garcia Rosado. 1 ed. Lisboa: Círculo de Leitores, 2018.